

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DA ARTE POPULAR ALENTEJANA III. OS BONECOS DE CORTIÇA.

MONIZ, Manuel de Carvalho

Ano: 1964 | Número: 74

Como citar este documento:

MONIZ, Manuel de Carvalho, Da arte popular alentejana III. Os Bonecos de cortiça. *Revista de Guimarães*, 74 (1-2) Jan-Jun. 1964, p. 121-127.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Da arte popular alentejana

III

Os bonecos de cortiça

Por MANUEL DE CARVALHO MONIZ.
Da Assoc. dos Arqueólogos Portugueses.

Os objectos da tão interessante e característica arte popular alentejana, são quase só feitos de madeira, cortiça ou chifre. O artista utiliza as matérias que estão mais ao seu alcance: — a madeira de buxo, a cortiça do sobreiro e o chifre do gado vacum.

Os de cortiça certamente que começaram a ser executados pelos pastores e assim os têm classificado, com minuciosa propriedade, como devendo pertencer à denominada «arte pastoril», destringendo-os da mais genérica designação de «arte rural».

Tenhamos presente que a arte pastoril deve ter brotado espontânea das qualidades inatas do homem alentejano — contemplativo, sentimental — conjugadas ou estimuladas pela integração de séculos na «Planície Heroica», o grandioso palco da vida rural alentejana, esse mundo imenso ligado à Natureza que o envolve e domina.

As qualidades de contemplativo revelam-se na paciência extraordinária do ganadeiro a lavrar o chifre ou a gravar nos «chavões» os caprichosos e interessantes motivos decorativos que irão marcar os bolos cozidos.

O sentimentalismo revela-se logo nos primeiros voos da arte popular, dedicada à mulher amada que ficou lá no «monte» ou vive ainda mais longe na aldeia ou na vila. Por isso os primeiros rameados dos canudos da ceifa ou dos *assopradores* do lume da tão típica chaminé alentejana, são amorosamente bordados com o bico da navalha, mas é com o sentido e o coração palpitando pela namorada, que é realizada a obra de arte.

Portanto, estamos em crer, que é esse sentimentalismo e esse amor para com a mulher escolhida ou o re-

conhecimento para com a Senhora lavradora do Monte, que muitas vezes faz despertar ou desenvolver as magníficas qualidades de artista do homem alentejano.

Algumas vezes será talvez a necessidade de ganhar o pão de cada dia, mas esta determinante económica, estamos em crer, poucos artistas terá feito surgir.

Ora aqueles motivos que originam o despertar do artista não são peculiares ou exclusivos dos pastores, embora nestes possam desabrochar com maior frequência, em virtude das longas horas de sossego e tranquilidade que a pastorícia lhes proporciona. Temos conhecimento de alguns artistas alentejanos que não são e nunca foram pastores. Mas são quase todos homens do povo, jornalheiros ou rurais, que deixaram a rabiça do arado, a enxada da horta ou as arreatas da parelha, para empregarem o seu tempo na habilidade de fazerem objectos de cortiça, madeira ou chifre.

Quanto aos de cortiça é preciso não esquecer a circunstância da instalação das fábricas de cortiça invadindo os centros produtores. O recrutamento do pessoal foi quase todo feito pela colocação de jornalheiros que deixaram o trabalho rural para se tornarem operários fabris.

Creemos que, em muitos casos, foi precisamente a instalação da fábrica de cortiça e o consequente contacto directo com o produto de trabalho diário na fábrica, que fez desabrochar neles a habilidade ou melhor as condições especialíssimas, técnicas, do verdadeiro artista, para fazer os tão característicos objectos de cortiça.

Se é certo que, como escreveu o ilustre etnógrafo Luís Chaves, «estas manifestações dos centros industriais, por não populares, se distinguem da primitiva arte pastoril e da extensiva arte rural», tal nem sempre se verifica. Isto porque muitas vezes embora distantes ou afastados do ambiente pastoril ou rural, essa aproximação com a fábrica facilitou o aparecimento do artista e este encontra-se impregnado de tal forma dessa rusticidade, que os trabalhos produzidos se podem, verdadeiramente, integrar na arte rural alentejana.

Não esqueçamos que alguns deles se deixaram influenciar de tal modo pelo ambiente fabril, que as suas produções se limitam às caixinhas, tapetes, quadradinhos e molduras rendilhadas, sem qualquer expressão de ruralidade.

Por isso entendemos que a designação de «arte fabril» em cortiça não a podemos utilizar em função específica do artista, seu autor, mas sim em apreciação concreta do objecto produzido.

Aparecem, por vezes, exemplos de homens do campo, jornaleiros desde a infância, cujo génio artístico os leva à realização dos mais belos objectos, inspirando-se no mais castiço ambiente rural onde nasceram e viveram. Desabrocha neles a Natureza contemplativa e sentimental do genuíno artista alentejano.

*

Nestas condições certamente que se pode integrar o artista Ambrósio José Portalegre, autor dos numerosos bonecos de cortiça que são hoje o encanto de todos os que os observam, como um artista rural de qualidades excepcionais. Por isso vale bem a pena contar a história deste jornaleiro, hoje um dos mais curiosos artistas alentejanos.

Era um homem do campo, como qualquer outro, que trabalhava à jorna nos serviços rurais. Nas horas de descanso ou depois das refeições, puxava do canivete e começa a fazer cortes e desenhos.

Recorda-se que, talvez quando tinha apenas oito anos, com um bocado duma manilha de gesso, fez, com um canivete, um cavalo. Mais tarde, quando já homem, fez umas ovelhas para ornamentar um presépio. Depois estando desempregado e, para matar o tempo, resolveu-se ir à fábrica de cortiça de Arraiolos, sua terra natal, e pediu que lhe dessem uns bocados de cortiça e com eles fez uma junta de bois a lavrar e um homem a semear. Em seguida foi oferecer tudo ao dono da fábrica. o Sr. Jacinto Chinelo, que o gratificou com 150\$00. Este Senhor felicitou-o pelos bonecos, entusiasmou-o a continuar, pois estava certo que «os estrangeiros lhe dariam grande valor».

Começou então a fazer bonecos e lembrou-se de, um sábado, ir ao mercado semanal da cidade vizinha de Estremoz a ver se conseguia lá vender a bonecada. Apareceram então uns senhores que mirando os bonecos lhe perguntaram como trabalhava e depois de ouvida a explicação, lhe sugeriram que os apresentasse no concurso que a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho ia realizar.

O nosso artista respondeu que não podia lá ir porque não tinha conhecimento de *letras* para se dirigir a essas cousas. Então os tais Senhores pediram-lhe o nome e a morada, pois que eles tratariam disso, e, dentro de um mês, passariam por Arraiolos para ver os bonecos que lá tivesse.

Nesse mês o nosso artista fez um quadro de cortiça representando todos os trabalhos da cultura do trigo: uma junta de bois e uma parelha de mulas a lavrar, outra parelha a gradar a terra, outra a *embelgar*, depois um sementeiro com o *sementeiro* a tiracolo e gesto largo deitando o trigo à terra; seguia-se um rancho de mulheres a mondar, com saias atadas às pernas em forma de *calçõates* (1) e chapéus de aba larga e depois outras a ceifar o trigo; seguia-se um carro de parelha com os molheiros fazendo o *acarreto* do cereal para a eira onde está a debulhadora com o maquinista, os alimentadores e todo o mais pessoal deste serviço com os apetrechos indispensáveis.

Seguia-se então uma carroça com uma mula levando sacos de trigo para o celeiro e, mais ao longe, outro carro conduzia o trigo para o moinho de vento. Depois é o moleiro a conduzir a farinha para o «monte», seguindo-se a casa da *amassaria* (2), o forno, a cozedura, a mesa da «casa da malta» onde estão sentados vários bonecos comendo o pão.

Foi precisamente com este trabalho que o artista arraiolense Ambrósio Portalegre, concorreu ao concurso da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, em 1952, ficando classificado em quinto lugar entre mil novecentos e dezoito concorrentes.

(1) *Embelgar* significa dividir a terra em regos pequenos e descreverem faixas largas e compridas que se chamam *belgas*. Servem para nortejar o sementeiro na distribuição e empalhação da semente. ATRAVÉS DOS CAMPOS, por José da Silva Picão, Lisboa 1947, pag. 83.

Sementeiro, saco com o cereal da semente que o sementeiro trás ao ombro e a tiracolo no acto de semear. *Idem* pág. 237.

Calçõates, ao entrarem para uma seara assás crescida as mondadeiras acautelam-se previamente ligando as saias às pernas, em forma de calçõates. *Idem* pág. 308.

(2) *Amassaria* é um compartimento da casa do monte ou «a oficina de fabrico de pão das diferentes qualidades que se consomem» no monte. ATRAVÉS DOS CAMPOS, pág. 15.

É então que o artista se lança a fazer bonecos e os compradores surgem de todos os lados, pois todos os apreciam e admiram as extraordinárias qualidades deste genuíno artista alentejano.

Como vai distante o tempo em que os companheiros de trabalho lá no campo, quando ele sentado à sombra duma azinheira, de navalha em punho, matava o tempo fazendo bonecos, e os camaradas se riam dele fazendo chacota da sua arte e dizendo-lhe que ele «havia de dar em maluco com aquela mania da bonecada». Hoje esses mesmos companheiros de trabalho dizem então que até parece mentira como ele tem tanto geito para os bonecos.

A fim de se poder fazer uma pequena ideia da variedade e quantidade de bonecos executados por este artista, vamos enumerar aqueles de que temos conhecimento, embora saibamos que muitos outros ficam por indicar:

- Carrada de cortiça
- Parelha de mulas a charruar.
- Junta de bois a charruar. (*Fig. 1*).
- Carrada de sacos com trigo.
- Tiragem de cortiça.
- Porcos na engorda.
- Pastor com guarda chuva.
- Pastor.
- Moinho de vento.
- Carroça de aguadeiro.
- Burro com cangalhas e cântaros (*Fig. 2*).
- Burro carregando sacos.
- Churrião alentejano.
- Carro de pipa de água com mula (*Fig. 3*).
- Boi e carroça carregada de madeira.
- Alentejano montando um burro com guarda chuva.
- Mantieiro com burro carregado de lenha.
- Aguadeiro.
- Ceifeira. (*Fig. 6*).
- Mondadeira.
- Carroça carregada de palha, com forquilha.
- Aguadeiro com carroça e arreios.
- Carro de palha com forquilha.
- Churrião.
- Toureiro com capa e «traje de luces».

Toureiro e touro.
 Toureiro matando à espada.
 Pega dum touro de cernelha.
 Pega dum touro, de caras. (*Fig. 4*).
 Toureiro a cavalo.
 Toureiro a pé dando um passe de capote.
 Idem citando o touro de frente.
 Mulher a ripar uma oliveira.
 Homem na limpeza da árvore.
 Varejando uma oliveira.
 Parelha de muares a gradar a terra
 Montanheira
 Parelha com um carro carregado de trigo
 Parelha com rede e carrada de palha à antiga
 Pastor a ordenhar as ovelhas
 Homem tosquiando as ovelhas
 Mulher a fazer os queijos
 Charrete com os arreios
 Homem a gadanhar o feno
 Moleiro
 Moinho de vento com o moleiro a cavalo num
 burro
 Moinho com o moleiro a bandejar
 Moinho com uma mulher
 Homem a cavalo num burro com um guarda-
 -chuva e alforge (*Fig. 5*)
 Cabreiro guardando cabras
 Cavador com a enxada às costas (*Fig. 7*)
 Mondadeira com tarro e sacho

As ferramentas que o artista arraiolense utiliza para fazer estes bonecos, são os seguintes:

Um canivete de lâmina maior e outro de folha mais pequena;

Um serrote para cortar os pedaços de cortiça e fazer as bases dos bonecos;

Um pedaço de lixa para alisar a cortiça, grude e cola.

Não utiliza uma régua, não tem e nem sabe o que é um compasso.

É homem que não sabe ler, não faz contas, nem conhece de medidas, é tudo feito à vista.

Perguntado como descobriu esta sua habilidade e como consegue fazer os seus bonecos tão perfeitos nas

proporções e nos trajos, respondeu que a princípio quando via um objecto parecia-lhe que era capaz de fazer outro igual. Assim começou a fazer e faz mesmo.

Por isso alguém lhe mandou um dia um bilhete postal com o milagre de Nossa Senhora da Nazaré, e ele fez tudo em cortiça.

O trabalho é feito todo de seguida, por simples atenção visual, sem copiar e sem medir. O corte da cortiça sai-lhe logo perfeito, correcto, completo, seja um boneco representando um homem alentejano ou uma mulher da monda, seja um cavalo ou um touro a investir contra o forcado que o vai pegar de caras.

Estamos em presença dum autêntico artista, em que a obra de arte sai natural da sua inspiração, com uma execução extraordinariamente perfeita e interessantíssima.

Hoje todos o conhecem e todos apreciam os belos bonecos de cortiça do artista arraiolense Ambrósio José Portalegre, enobrecendo com eles a tão afamada arte popular alentejana.

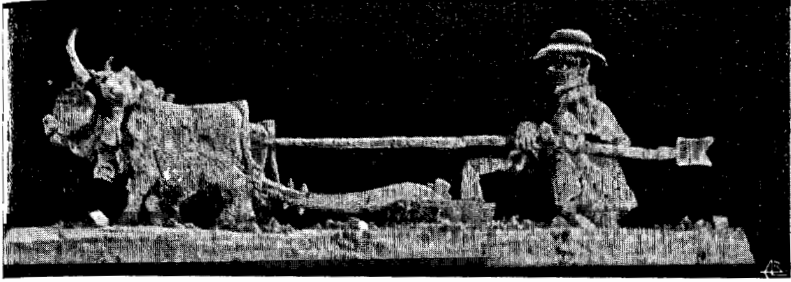


Fig. 1 — *Junta de bois a charruar.*



Fig. 2 — *Burro com cangalhas e cântaros.*

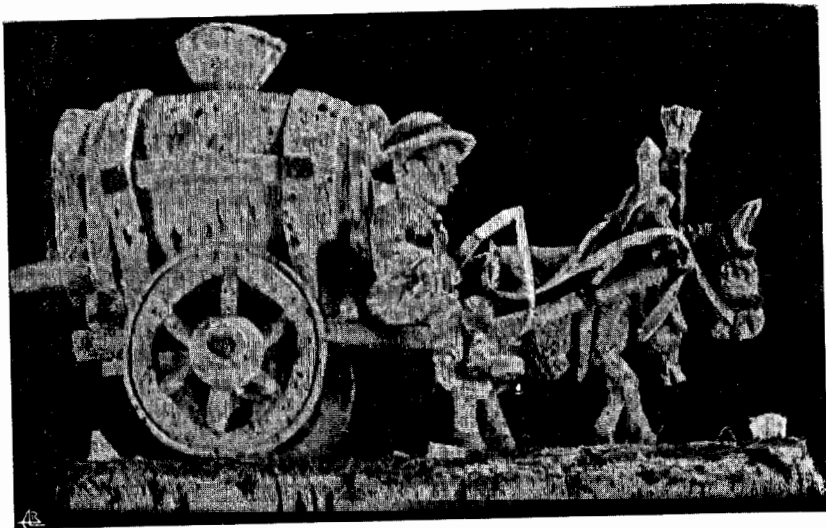


Fig. 3 — Carro de pipa de água, com mula.

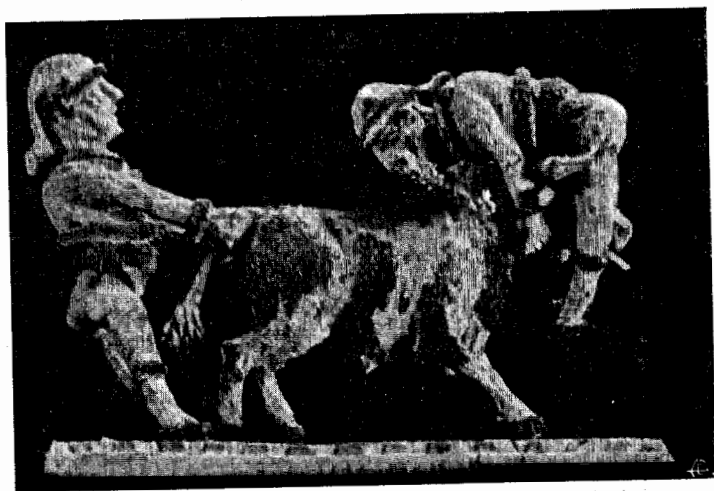


Fig. 4 — Pega de um touro, de caras.



Fig. 5 — *Homem a cavalo num burro, com um guarda-chuva e alforge.*



Fig. 6—*Ceifeira.*

Fig. 7—*Cavador com a enxada.*